



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Tinoco Ponciano, Edna Lúcia; Féres-Carneiro, Terezinha

Terapia de Família no Brasil: Uma Visão Panorâmica

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 19, núm. 2, 2006, pp. 252-260

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18819211>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Terapia de Família no Brasil: Uma Visão Panorâmica

Family Therapy in Brazil: An Overview

Edna Lúcia Tinoco Ponciano^{a*} & Terezinha Férres-Carneiro^b

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil^a,
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil^b*

Resumo

A questão relacionada a quem são e o que fazem os terapeutas de família tem sido insistentemente debatida e publicada em periódicos internacionais. Quanto ao Brasil, esta discussão tem sido feita principalmente nos congressos que buscam reunir os terapeutas de família brasileiros. Com o objetivo de descrever o campo nacional de estudos da Terapia de Família dividimos este artigo em duas partes distintas: levantamento e descrição de artigos, a partir de uma pesquisa em periódicos nacionais, feita na base de dados SCIELO e INDEXPSI; e análise de resumos dos trabalhos publicados nos Cadernos de Resumo dos Congressos Brasileiros de Terapia Familiar.

Palavras-chave: Família; Terapia de Família; Congressos de Terapia Familiar; periódicos nacionais.

Abstract

The issue of who are family therapists and what they do has been consistently debated and published in international journals. Regarding Brazil, this discussion has been made mainly in congresses that bring together Brazilian family therapists. With the goal of describing the national field of Family Therapy studies we have divided this article into two different sections: a search and description of some articles, chosen from a research in national journals, from SCIELO and INDEXPSI databases; and analysis of article abstracts published in the Collection of Abstracts from Brazilian Family Therapy Congresses.

Keywords: Family; Family Therapy; Family Therapy Congresses; national journals.

A questão relacionada a quem são e o que fazem os terapeutas de família tem sido insistentemente debatida e publicada em periódicos internacionais. Quanto ao Brasil, esta discussão tem sido feita principalmente nos congressos nacionais. O VI Congresso Brasileiro de Terapia de Família ocorreu em Florianópolis, durante o mês de julho de 2004, e foi organizado pela Associação Brasileira de Terapia de Família (ABRATEF). Como tema foi lançada a seguinte questão: "O que tu fazes por aí? Diversidade e abordagens na família brasileira". No encarte proclama-se que, após dez anos de congressos, pela primeira vez, é privilegiado o intercâmbio entre os terapeutas brasileiros.

A partir do convite ao VI Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, percebemos que há uma discussão a respeito da identidade do terapeuta, fortemente atrelada aos diferentes estudos, às diferentes práticas com famílias e às diversas teorias implicadas. Além disso, em pesquisa realizada no Rio de Janeiro (Ponciano, 1999), constatamos que a diversidade é uma marca característica dos terapeutas de família. Nesta pesquisa, entre os terapeutas entrevistados, quase todos tinham formação em Psicanálise e em Teoria Sistêmica, além de utilizarem outras teorias, na prática clínica.

As características deste último congresso indicam a importância de trazermos alguns casos reveladores do campo dos estudos da Terapia de Família, indicando inúmeras questões que necessitamos trabalhar continuamen-

te. Não pretendendo realizar uma análise exaustiva, temos a oportunidade de expor parte da história de um grupo que se reúne em torno dos estudos sobre as relações familiares.

Método

Nas bases de dados INDEXPSI e SCIELO¹, os seguintes termos foram lançados no campo de pesquisa: família, terapia de família, terapia familiar, casal e casamento. Na INDEXPSI, foram encontradas 495 referências para o termo família, 55 para Terapia de Família, 107 para Terapia Familiar, 22 para casal e 42 para casamento. Na SCIELO, foram encontradas 112 referências para família, 7 para casamento e 3 para casal. Após excluir as repetições de artigos, restaram 529 referências, incluindo as duas bases de dados. Quanto ao período, é definido pelos anos de 1980 até o mês de agosto de 2003, na base INDEXPSI; e pelos anos de 1996 até agosto de 2003, na base SCIELO. Este intervalo de tempo é determinado pela abrangência de cada base de dado. Diversos periódicos de diversas disciplinas são listados. Os periódicos da base INDEXPSI são em número maior do que os da base SCIELO. A primeira abrange periódicos de instituição universitária ou não, de variadas áreas e de instituições ligadas à Psicologia, enquanto a segunda só possui em sua base periódicos aca-

* Endereço para correspondência: Rua Miranda Valverde, 118/202 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22281-000
E-mail: ponciano@uol.com.br

¹ Endereços na Internet: SCIELO – <http://www.scielo.br>; INDEXPSI – <http://www.psicologiaonline.org.br>. Para uma lista completa dos periódicos, estes sites devem ser consultados.

dêmicos de variadas áreas. Nas duas bases encontramos periódicos das áreas da Psicologia, História, Sociologia, Antropologia, dentre outras. A INDEXPSI, apesar do nome, não registra somente periódicos de Psicologia, revelando uma proposta de interdisciplinaridade no seu armazenamento de dados, ainda que tenha como ponto de partida uma preocupação com o campo psicológico. A base SCIELO possui periódicos das Ciências Naturais, mas somente foram consultados os das Ciências Humanas e Sociais.

Apresentamos os trabalhos dos Congressos Brasileiros de Terapia Familiar (ABRATEF, 1994, 1996, 1998, 2002), caracterizando-os a partir da análise das atividades apresentadas como Tema Livre, Mesa Redonda e *workshops*, que são comuns a todos os Congressos. Exclui-se qualquer outra atividade que seja específica de somente um Congresso. Consultando os Cadernos de Resumos, analisamos, primeiramente, os locais de origem dos trabalhos e as referências teóricas citadas. Advertimos, antecipadamente, que não foi possível realizar uma análise do IV Congresso Brasileiro, devido à ausência de publicação do Caderno de Resumos. Inicialmente, tentamos proceder à análise munidas da programação, cuja organização submetida aos trabalhos incluía seus títulos, autores e, por vezes, o local. Um ou outro título permitia entrever a referência teórica. Ao comparar os resultados com os outros Congressos, notamos que havia uma disparidade, determinada pela imensa quantidade de dúvidas suscitadas e pelas inferências feitas, impedindo a utilização do mesmo critério dos outros Congressos.

Dentre os temas com maior predominância, tanto nos periódicos nacionais quanto nos Congressos Brasileiros de Terapia Familiar, estão: criança, casal, adolescente, violência, escola, educação, psicose, drogadicção. Além destes, especificamente nos periódicos nacionais, outros temas aparecem com freqüência, tais como: saúde da família, trabalho, Terapia de Família, gênero, deficiência física e/ou mental, divórcio e paternidade. Seguida destes temas predominantes, surge uma miríade de possibilidades para se relacionar a família a variadas questões, desde as transformações sociais, ao corpo e à sexualidade².

Escolhemos, inicialmente, analisar alguns exemplos dos principais temas relacionados nos periódicos nacionais, por relevância numérica. Posteriormente, elegemos como critério destacar e descrever aqueles que sobressaem por dois aspectos em comum: uma forte preocupação em contextualizar estes estudos realizados no Brasil e a conjugação de variadas disciplinas. Observando a importância para a pesquisa, tanto da integração de diferentes teorias quanto da articulação família/indivíduo (relação/sujeito), destacamos alguns artigos dos periódicos que expressam o tema da integração/articulação, embora ocorram em número reduzido.

Assim, podemos conhecer a construção de uma prática terapêutica, que faz aqui suas primeiras incursões nos anos

de 1970, relacionando-se com variados temas de interesse. É um material extenso com um grande potencial de análise e discussão. Nossa intenção é oferecer uma visão panorâmica do campo de estudos da Terapia de Família.

Começamos com os exemplos de temas predominantes nos periódicos nacionais, seguindo uma ordem de apresentação determinada pela quantidade. Ao lado de cada tema estão, entre parênteses, os números das ocorrências e as percentagens correspondentes, referentes ao total de 529 artigos encontrados nos periódicos nacionais. Por exemplo: o tema criança aparece em 44 artigos, representando 8,20% do total (44; 8,20%). É importante notar que a grande variedade de temas não permite um destaque absoluto de nenhum tema específico.

Em seguida, procedemos com a análise dos Congressos Brasileiros de Terapia Familiar, destacando o local de origem e as referências teóricas dos trabalhos. Deste modo, oferecemos uma visão panorâmica da produção deste campo no Brasil e da sua enorme diversidade quanto às opções teóricas.

Resultados

Temas Presentes nos Periódicos Nacionais

Criança (44; 8,20%)

O tema da criança, sempre tão identificado com o da família, é um dos mais trabalhados. De um total de 529, este tema é específico de 44 artigos, representando 8,20%. Aqui, ele é descrito por dois artigos. O primeiro trata da doença crônica na infância e o segundo pesquisa a relação entre ambiente e comportamento. Todos os dois afirmam a importância de uma abordagem direcionada para o grupo familiar.

As implicações da doença orgânica na infância, particularmente as emocionais, tanto para a criança quanto para a família, são destacadas no artigo de Castro e Piccinini (2002), mostrando o caráter especial de que se reveste a relação mãe-criança. Os autores discutem as dificuldades enfrentadas pela família, apesar dos avanços nos tratamentos e da melhoria das taxas de sobrevivência. Os autores sublinham o baixo número de estudos sobre o tema da doença crônica na infância e os relacionamentos familiares. Consideram, portanto, fundamental que se pesquise mais, a fim de se construir uma abordagem multiprofissional, que conte com tanto a criança quanto a família.

Ferreira e Marturano (2002) tiveram como objetivo realizar um estudo que documentasse a associação entre contextos de adversidade ambiental e comportamentos externalizantes. Participaram da pesquisa meninos e meninas, totalizando 141, entre sete e onze anos. Estas crianças estavam em atendimento devido às dificuldades escolares. Elas foram divididas em dois grupos segundo a presença ou não de dificuldades comportamentais. As mães foram entrevistadas, a fim de se conhecer melhor os recursos e as adversidades do ambiente familiar. O primeiro grupo, o das crianças com dificuldades compor-

² A ordenação dos temas é retratada em Ponciano (2004), que deve ser consultado para uma apreensão do resultado como um todo (<http://www.dbd.puc-rio.br>).

tamentais, apresentou menos recursos e maior adversidade, como: relações interpessoais problemáticas; falta de supervisão, monitoramento e suporte parental; práticas punitivas e modelos adultos agressivos. Neste caso, os autores concluem ser necessário incluir a família em um projeto de intervenção preventiva.

Casal (39; 7,34%)

O tema casal é descrito em 39 artigos, representando 7,34%. Destacam-se os seguintes aspectos, mencionados nos artigos a seguir: escolha sexual e amorosa, transformações sociais e estratégias para a manutenção do casamento.

Féres-Carneiro (1996) trabalha com a nova tendência para se considerar a conjugalidade tanto hetero como homossexual. Além disso, este texto ressalta a perspectiva de que uma investigação das relações no campo social é de fundamental importância para a clínica. Com estas duas características, o artigo sobre casal remete à influência de movimentos e de transformações sociais que determinam a visão do terapeuta, tais como o feminismo e a pós-modernidade.

Garcia e Tassara (2001) realizam um estudo, em que procuram analisar quais são as estratégias para a manutenção do casamento. Para tanto, entrevistam 20 mulheres, casadas há mais de 15 anos e pertencentes à classe média alta. As estratégias utilizadas dependem da esperança de se manter ou não um casamento. Diante do perigo e da previsão, admitidos socialmente, de ser possível romper um laço conjugal, há sempre a necessidade de se fazer algo para que uma relação seja duradoura. O projeto da estabilidade é mantido por um esforço concentrado e estratégico.

Adolescente (32; 6,03%)

A seguir, o tema adolescência, com 32 ocorrências representando 6,03%, é enfatizado pela conciliação das dimensões individual, familiar e social. Os dois artigos descritos apresentam a confluência destes aspectos.

Relacionando bem-estar psicológico, desenvolvimento humano e experiências precoces do sujeito em sua família, Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt (1999) traçam uma investigação a respeito da influência da configuração familiar para o bem-estar dos adolescentes. Utilizam a Escala Goldberg de Bem-Estar para entrevistar adolescentes, no total de 391, entre 12 e 17 anos, de ambos os性s, pertencentes a famílias originais (de primeiro casamento) e famílias reconstituídas (recasamento). Concluem que não há diferenças significativas entre os adolescentes dos dois tipos de família.

Rosa (2002), problematizando a relação entre adolescência e estrutura de personalidade, investiga a possibilidade de que um acontecimento na adolescência transforme a constituição subjetiva. A abordagem da autora procura vincular as operações subjetivas e sociais, com passagens da cena familiar à cena social, que permitem uma reorganização estrutural da personalidade. Neste sentido, a autora procura fazer uma crítica ao individual-

lismo, trabalhando com os conceitos de identificação, ato e inserção no grupo social.

Violência (22; 4,14%)

O tema da violência, com 22 ocorrências representando 4,14%, é mais comumente relacionado ao mundo exterior do que à família. Destacamos aqui um outro ponto de vista, questionador da família quanto ao seu papel de formação e proteção dos indivíduos, apesar de não descartá-la.

A violência contra adolescentes, no artigo de Antoni e Koller (2000), é enfocada no interior da família, revelando que, apesar de uma experiência adversa, a família continua sendo um lugar desejado para se viver. O enfoque da violência é tratado a partir da visão de adolescentes do sexo feminino, entre 12 e 17 anos, que foram abrigadas em uma instituição pública após sofrerem maus-tratos. O objetivo das autoras é conhecer a visão que estas adolescentes têm sobre família e quais são suas expectativas para constituírem suas próprias famílias, futuramente. Consta-se, entre elas, a idealização do futuro grupo familiar, que pode ser entendida como uma maneira de se proteger da violência e do abandono vivenciados no presente. As autoras consideram ser necessário que se alie a esperança de um futuro melhor a uma perspectiva realista, a fim de que estas adolescentes possam constituir suas famílias sem repetirem um padrão de violência.

Escola (19; 3,95%)

A escola, tema que possui 19 ocorrências representando 3,95%, tem ocupado, ao lado da família, um importante papel de socialização e formação dos indivíduos. Estas duas instituições devem ser consideradas de acordo com as transformações socioculturais que as envolvem, principalmente para aqueles que trabalham com crianças e adolescentes.

Setton (2002), com o objetivo de repensar os processos de socialização e de construção das identidades, argumenta que as instâncias tradicionais, tais como a família e a escola, que visam à educação, partilham suas tarefas, na contemporaneidade, com as instituições midiáticas. Para compreender a construção da identidade do sujeito, é necessário estabelecer uma perspectiva relacional entre estas três instâncias, considerando a existência de um espaço plural de múltiplas possibilidades de identificação. O conceito de configuração de Norbert Elias permite à autora realizar seu intento de análise.

Psicose (18; 3,57%)

A psicose, com 18 ocorrências representando 3,57%, é um dos temas inaugurais para o campo da Terapia de Família, durante os anos de 1950, nos Estados Unidos. No Brasil, ele demonstra igualmente sua importância inicial, instaurando reflexões para uma nova prática terapêutica.

Terzis (1985) efetua uma revisão bibliográfica, na qual relaciona a psicologia do grupo familiar ao processo esquizofrênico. Ressalta a formulação psicanalítica como anterior às formulações do padrão interacional, anterior às formulações sistêmicas. Tendo sido publicado em 1985,

quando a Terapia de Família completa sua primeira década em território nacional, este artigo demonstra que sempre houve, no Brasil, uma tentativa de relacionar as referências sistêmicas e psicanalíticas, ainda que não se tivesse formado um movimento explícito de integração entre as teorias.

Drogadicção (16; 3,01%)

Este é mais um tema ilustrativo da necessidade de que múltiplas dimensões sejam consideradas, relacionando o indivíduo, a família e outros contextos. Com 16 ocorrências representando 3,01%, o tema da drogadicção aqui é descrito pelo artigo de Schenker e Minayo (2003) que oferecem uma revisão crítica da literatura sobre adolescência, família e uso abusivo de drogas, desenvolvida no âmbito nacional e internacional. Deste modo, as autoras confirmam a importância de inserir o sintoma da drogadicção no contexto familiar e sociocultural, procurando entender a complexidade desta experiência. Família, escola e grupo de amigos são fontes de socialização para o adolescente e podem fazer parte de uma concepção de tratamento abrangente.

Educação (16; 3,01%)

Com o tema educação, que possui 16 ocorrências representando 3,01%, destacamos a oposição entre escola e família, a partir das políticas públicas, desenvolvidas na história do Brasil.

Cunha (1997) narra a história que liga o Estado à construção de um discurso desqualificativo da família para a tarefa de educar. A partir desta construção, instaura-se uma concepção psicológica do viver, reforçando o papel intervencional dos saberes psicológicos.

A incapacidade de uma família para educar seus filhos é uma formulação surgida no discurso educacional durante os anos 30 do século XX. Cunha (1997) analisa como foi configurado este discurso no Brasil, gerando a prática intervencionista de um Estado interessado em transformar a vida dos pobres. A escola se constitui, paulatinamente, como o lugar privilegiado para a difusão de uma mentalidade higiênica, recebendo a tarefa de ensinar hábitos e princípios que asseguram a felicidade. Faz parte desta empreitada a investigação dos hábitos domésticos, esboçando-se um novo método de atuação sobre as famílias: da intervenção social passa-se à investigação da personalidade dos alunos e de seus pais.

Saúde da família (14; 2,64%)

Este é um tema novo, com 14 ocorrências representando 2,64%, que demanda a construção de novas práticas intervencionistas baseadas em novas concepções que incluem o contexto extra-hospitalar. Uma abordagem multidisciplinar para o Programa de Saúde da Família (PSF) é o destaque do artigo de Trad e Bastos (1998). O interessante desta proposta é a insinuante relativização dos saberes especializados. A intervenção na saúde deixa de ser unilateral para ser inclusiva de pessoas, famílias e contextos socioculturais.

Trad e Bastos (1998) consideram que a definição da família, como objeto de intervenção em saúde, merece uma análise crítica, quanto às suas implicações, diferenciando-a de uma concepção de saúde calcada no indivíduo. Especificamente para o Programa de Saúde da Família (PSF), os autores propõem uma avaliação de seu impacto sociocultural. Além disso, é preciso diferenciar o PSF da antiga visão de médico de família. Uma identificação estreita entre os dois impede que se realize uma abordagem multidisciplinar, na qual a família deve ter uma participação ativa. O PSF deve ser avaliado de acordo com a sua habilidade para transformar a prática assistencial, reconhecendo os recursos da família e do seu contexto para resolver problemas de saúde individuais e coletivos.

Trabalho (13; 2,45%)

O tema trabalho, que tem 13 ocorrências representando 2,45%, destaca mais uma vez, as dimensões psíquicas, familiares e sociais. No artigo *A revolução de 30, a família e o trabalho feminino*, Pena (1981)³ desenvolve uma abordagem histórica a respeito da legislação do trabalho feminino, desde 1932. Destaca a intervenção do Estado, a dessexualização da mulher e sua identificação como mãe. É um artigo crítico que permite relacionar, mais uma vez, contexto social e relações familiares.

O artigo de Amaral (1997) apresenta uma especificidade, ao relacionar a construção de si e o imaginário social, exemplificando com o relato sobre o sentido do trabalho para três gerações de mulheres. São realizadas entrevistas com cinco mulheres da mesma família. A centralidade do trabalho, em seus relatos, sugere uma forte influência na construção das identidades pessoais. O trabalho é um espaço privilegiado para a individualização. A autora interpreta as respostas com o referencial do Construcionismo Social, enfatizando o papel ativo do indivíduo, ao utilizar repertórios do imaginário social para a construção do conhecimento e da realidade.

Terapia de Família (12; 2,27%)

O tema Terapia de Família ocorre 12 vezes de uma forma explícita, representando 2,27% dos artigos. A seguir, nos três artigos escolhidos para descrever este tema encontramos a importância de utilizar várias teorias, principalmente no contexto nacional.

Paula e Scott (1985) relatam uma experiência da aplicação da Terapia de Família, em um serviço psiquiátrico da UFPE, com famílias de baixa renda do Recife. Enfatiza-se a necessidade de se recorrer a outras disciplinas, como a Antropologia e a Sociologia, para a aplicação da Terapia de Família no Brasil.

Igualmente em Ferro-Bucher (1989) encontra-se a afirmação da importância de se buscar na Sociologia e na

³ O número 37, no qual está publicado este artigo, é dedicado ao tema da família, com perspectivas históricas e sociológicas. O periódico chama-se *Cadernos de Pesquisa* e publicou outro número, o 91 de 1994, dedicado ao mesmo tema, acrescentando-se o ponto de vista psicológico (Macedo, 1994).

Antropologia, aliada à Psicologia, uma contribuição ao estudo da família. Uma leitura conciliadora destas disciplinas descreve o contexto que prepara o surgimento da Terapia de Família no Brasil. São identificadas as instituições particulares e as universidades que trabalham atendendo famílias discutindo as condições para a formação do terapeuta no contexto cultural brasileiro.

Dias e Ferro-Bucher (1996) ressaltam o rápido crescimento da Terapia de Família no Brasil, considerando a formação do terapeuta como um dos aspectos mais importantes. Para a supervisão, parte fundamental do treinamento dos terapeutas iniciantes, são observadas e discutidas as técnicas desenvolvidas no exterior. As autoras formulam um questionário que enviam para 22 instituições espalhadas pelo Brasil. Da análise das respostas, concluem que: é dada pouca ênfase à pessoa do terapeuta, durante sua formação; é necessário articular técnicas e teorias diversas; articular conhecimento teórico com a realidade sociocultural das famílias atendidas; é preciso, enfim, redefinir a prática terapêutica, integrando-a à realidade brasileira. É um artigo que permite entrever a disposição do campo para a integração entre teorias.

Gênero (11; 2,07%)

O tema gênero, com 11 ocorrências e representando 2,07%, reafirma a importância de considerar vários aspectos, tais como os psicológicos e os sociais.

Uma pesquisa sobre reprodução e gênero é feita com homens que procuram o ambulatório de reprodução humana, em Campinas, para tratamento da esterilidade, ou para pedir informações e conhecer os métodos de planejamento familiar. Costa (2002) tem a finalidade de estudar as representações masculinas da paternidade, contribuindo para uma compreensão da masculinidade e da constituição de gênero. Soma-se a este objetivo, uma reflexão sobre as teorias da concepção, considerando os valores atribuídos ao masculino e ao feminino, pelas relações sociais. Depreende-se das conclusões da pesquisa que são os valores sociais, e não os biológicos, que definem as escolhas entre práticas de adoção ou a utilização de tecnologias reprodutivas.

Em outra pesquisa sobre gênero, Possati e Dias (2002) analisam o envolvimento da mulher em múltiplos papéis, notando as consequências para o seu bem-estar psicológico. Respondem a um questionário, composto por duas escalas que medem a satisfação com o casamento e o bem-estar psicológico, 132 mulheres, todas mães com um trabalho assalariado. Os autores confirmam os resultados de outras pesquisas, corroborando o aumento do bem-estar psicológico de mulheres que possuem trabalho pago. Uma das constatações interessantes desta pesquisa é a afirmação de que há um aumento de bem-estar, para toda a família, quando as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos são divididos entre os pais. Relativiza-se, assim, a idéia, pregnante para o senso comum, de que a distribuição de papéis fixos, segundo o gênero, é uma condição necessária para a determinação da saúde dos indivíduos.

Psicanálise (6; 1,12%); articulação (2; 0,38%); interiorização (1; 0,19%); Winnicott (1; 0,19%)

Os temas aqui citados têm baixa ocorrência e baixa representatividade. São agrupados por representarem a necessidade de integrar diferentes teorias, considerando tanto o psíquico quanto o relacional.

Para se compreender a relação entre conceitos, saúde/doença mental e homeostase, é necessário que se considere o indivíduo, pela Psicanálise, a família e o grupo social, pela Teoria Sistêmica. Abdo e Oliveira (1994) defendem uma complementaridade entre as duas teorias para compreender o adoecer psíquico. Encontra-se, em ambas as teorias, o princípio da homeostase como um conceito explicativo da psique humana e de seus conteúdos relacionais. Os autores procuram, dessa forma, evitar a exclusividade, de um lado ou de outro, do intrapsíquico ou do relacional, construindo uma compreensão, na qual família e sujeito se constituem em um *continuum*.

Féres-Carneiro (1994, 1996), diante da falta de um corpo teórico unificador, defende uma perspectiva de articulação de diferentes enfoques, considerando que a rigidez entre os partidários da Psicanálise, especificamente os grupalistas analíticos, e os da Teoria Sistêmica, limita a produção teórica e o desenvolvimento de técnicas terapêuticas. Defende, portanto, que a articulação deve ocorrer tanto no nível teórico quanto no prático, focalizando o indivíduo, sua família ou casal e o contexto social. As demandas familiares e conjugais influenciam a escolha do quadro interpretativo, seja ele sistêmico ou psicanalítico. Por isso, é fundamental uma postura de flexibilidade. Para a autora, enfim, a verdadeira oposição não está entre uma teoria ou outra, mas entre conteúdos internos e comportamentos expressos.

O artigo a seguir, cujo tema é o da interiorização, trata de enlaçar os estudos da família e os da estruturação da personalidade. Um conceito de família, como grupo de interiorização dos aspectos da personalidade, é desenvolvido por Lopes (1985), contrastando com outros grupos que propiciam a exteriorização. A autora oferece três exemplos empíricos do processo de estruturação da personalidade, vividos no interior do grupo familiar, especificando este processo com famílias que sofreram algum tipo de perda.

Polity (1999) propõe uma leitura winnicottiana da Terapia de Família, na tentativa de estabelecer paralelos entre a teoria de Winnicott e a Teoria Sistêmica. Utiliza um caso clínico para exemplificar como é possível ampliar a prática clínica utilizando as duas referências.

Estes artigos, mesmo não sendo predominantes, visto que todos representam temas com menos de 2%, exemplificam a forte vinculação entre família e a formulação de teorias psicológicas, destacando a importância para a prática clínica. São artigos que, se não formulam uma proposta explícita de integração entre teorias, admitem a necessidade de se relacionar a família e a constituição dos sujeitos, a Teoria Sistêmica e a Psicanálise.

Análise dos Congressos Brasileiros de Terapia Familiar (local de origem e referências teóricas dos trabalhos)

Pela análise dos Cadernos de Resumo dos Congressos, podemos visualizar a extensão da Terapia de Família, configurando um campo de estudos de abrangência nacional. Além disso, visualizamos a diversidade teórica utilizada pelos terapeutas de família.

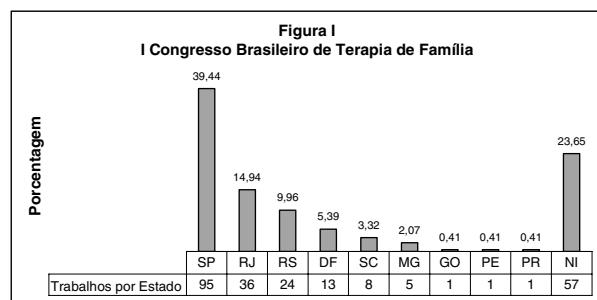


Figura 1. I Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

O I Congresso (ABRATEF, 1994), realizado na cidade de São Paulo, apresenta, previsivelmente, um grande número de trabalhos do Estado de São Paulo. Não há, inicialmente, uma representação de todo o território nacional. Além disso, como não se institui um formato padrão para os Cadernos de Resumos, muitos autores não mencionam seus locais de origem e, por consequência, muitos não podem ser identificados⁵. Estes dados devem ser entendidos como uma amostra que se aproxima da representatividade dos Estados nos Congressos.

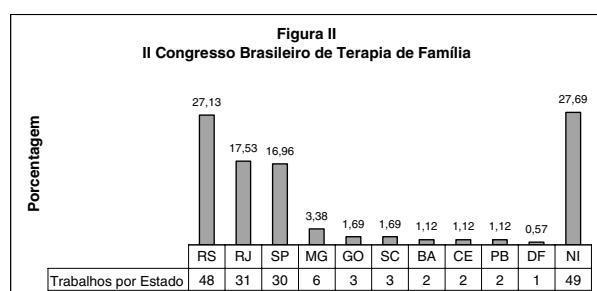


Figura 2. II Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

No II Congresso (ABRATEF, 1996), realizado em Gramado, visualiza-se uma alteração, com o Estado do Rio Grande do Sul apresentando maior número de trabalhos. A não-identificação dos locais de origem mantém-se extensa, devido ao motivo anterior. Acresentam-se à relação: os Estados do Ceará, da Bahia e Paraíba. E não são mais representados Pernambuco e Paraná.

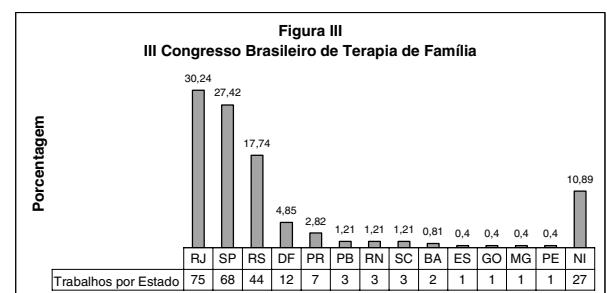


Figura 3. III Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

Em 1998, o Congresso é realizado na cidade do Rio de Janeiro. Os três Estados que mais apresentam trabalho são, respectivamente: Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Estes não são somente Estados-sede dos três primeiros Congressos, apresentando uma representatividade maior. São também Estados onde a Terapia de Família possui várias instituições formadoras e universidades que realizam pesquisas, no nível de pós-graduação *stricto sensu*. No III Congresso (ABRATEF, 1998), aumenta o número de Estados representados, acrescentando-se: Espírito Santo e Rio Grande do Norte; Pernambuco e Paraná, que voltam a apresentar trabalhos. Ceará não é mais representado.

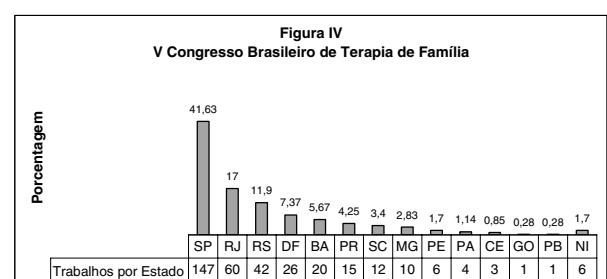


Figura 4. IV Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

Realizado em Salvador, o V Congresso (ABRATEF, 2002) tem a maior representação do Estado de São Paulo, seguido pelos Estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, novamente entre os primeiros. O número de Estados se mantém. O Ceará volta a apresentar trabalho; o Espírito Santo não os apresenta mais e o Pará aparece pela primeira vez. Este Congresso também não publicou um Caderno de Resumos. Como estávamos interessadas em fazer esta pesquisa, antes da realização do Congresso, acessamos a página da Internet com as últimas informações, obtendo os resumos dos trabalhos por meio de *download* de um arquivo, o equivalente aos Cadernos de Resumo. Pela segunda vez, os resumos não são publicados. Consideramos os Cadernos de Resumo um documento importante tanto para a utilização durante o Congresso quanto para pesquisas posteriores, como esta. Por isso, lamentamos a sua ausência. De qualquer forma, o arquivo obtido pela Internet apresenta um padrão informativo que se repete em quase todos os resumos, aperfeiçoando a capacidade de obter informações. Note-se que a impossibili-

⁵ Os dados não identificados aparecem nas figuras como NI (não-identificados).

dade de se identificar o local de origem dos trabalhos diminui consideravelmente.

Outro aspecto analisado dos resumos são as referências explicitadas como base teórica dos trabalhos. Como no item anterior, a falta de um padrão para os resumos faz com que nem todos informem a referência utilizada. Outra interpretação, porém, é possível. A Terapia de Família caracteriza-se por ser um campo voltado excessivamente para a formulação de técnicas e a divulgação de resultados pragmáticos, o que faz com que muitos terapeutas apenas descrevam seus trabalhos, sem fazerem uma vinculação direta com uma teoria. Muitos procuram destacar a sua forma de trabalhar com problemas ou casos clínicos específicos.

Desde o I Congresso (ABRATEF, 1994), no entanto, já é possível notar uma grande variedade de referências teóricas. As figuras apresentadas a seguir demonstram que há uma combinação de diversas teorias, em vários trabalhos. Em todos os Congressos, a Psicanálise aparece como a única referência de alguns poucos trabalhos, enquanto a Teoria Sistêmica predomina.

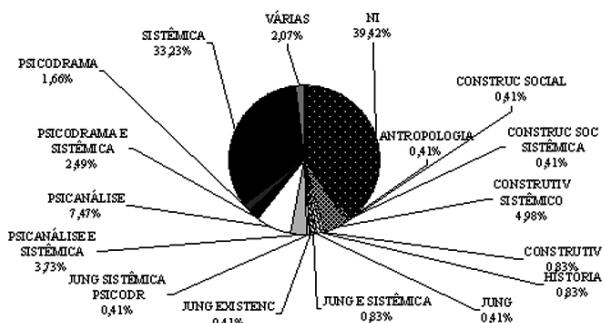


Figura 5. Referências teóricas apresentadas no Caderno de Resumos do I Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

No I Congresso (ABRATEF, 1994) pode-se observar que 2,07% dos trabalhos enumeram várias teorias como fonte de referência, fazendo com que a opção seja agrupados pelo termo “várias”. Reunidas, estas referências podem constituir um gráfico à parte, devido à quantidade a ser listada. A grande maioria dos trabalhos, excluindo a predominância das referências não-identificadas, refere-se à Teoria Sistêmica como fonte teórica (33,23%). Outros trabalhos relacionam a Teoria Sistêmica com: Construtivismo (4,98%), Psicanálise (3,73%), Psicodrama (2,49%), Jung (0,83%), Construcionismo Social (0,41%), dentre tantas outras combinações. É interessante notar que o Construtivismo tem maior adesão do que o Construcionismo Social.

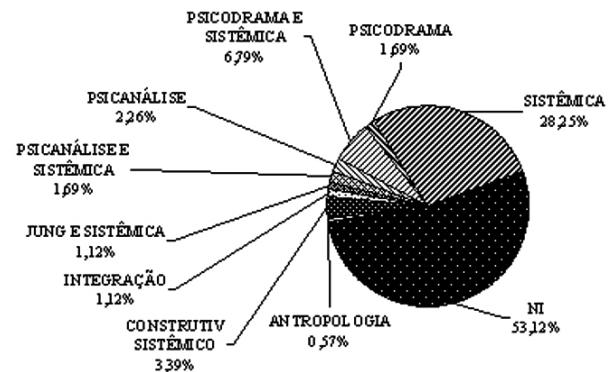


Figura 6. Referências teóricas apresentadas no Caderno de Resumos do II Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

No II Congresso (ABRATEF, 1996), o número de referências diminui, enquanto aumenta consideravelmente o número de trabalhos em que não são identificadas as referências teóricas: de 39,42%, no I Congresso (ABRATEF, 1994), para 53,12%, no II Congresso. Não é possível afirmar, devido à insuficiência de informações, se a diminuição do número de referências é um dado a ser interpretado como relevante. Constatamos, no entanto, a permanência de algumas referências e o surgimento de novidades. A continuidade diz respeito à predominância da Teoria Sistêmica e sua combinação com várias teorias. A novidade manifesta-se na explicitação do termo integração em 1,12% dos trabalhos. Um número reduzido, se comparado com o somatório dos outros trabalhos, que combinam teorias sem mencionar um movimento de integração: 15,33%, no I Congresso, e 13%, no II.

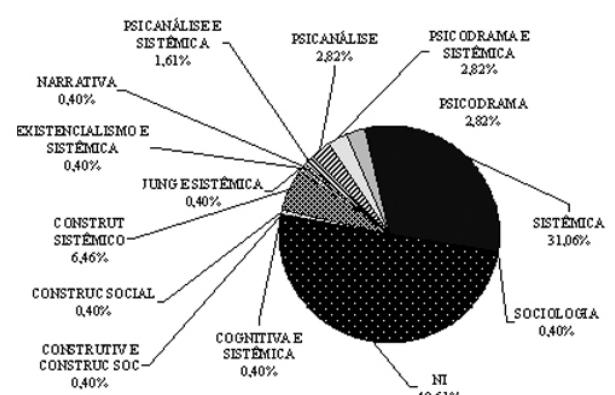


Figura 7. Referências teóricas apresentadas no Caderno de Resumos do III Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

O III Congresso (ABRATEF,1998) aproxima-se do I quanto ao número de referências, surgindo outras. Pela primeira vez, mencionam-se a Terapia Narrativa e a Cognitiva, como referências teóricas separadas do Construcionismo Social e do Construtivismo.

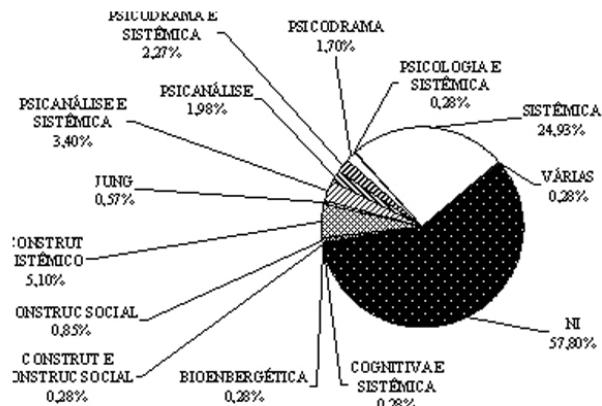


Figura 8. Referências teóricas apresentadas no Caderno de Resumos do V Congresso Brasileiro de Terapia de Família.

Embora na análise do V Congresso (ABRATEF, 2002) tenha diminuído o número em que não se identifica o local de origem dos trabalhos, o mesmo não ocorre quanto às referências teóricas. Em mais da metade dos resumos não é explicitada a teoria ou as teorias que fundamentam os trabalhos. Há um grande número de trabalhos descritivos e de relatos de experiência isentos de uma explicitação teórica.

Considerações Finais

Analisando o campo de estudos da Terapia de Família no Brasil, oferecemos uma visão panorâmica. Chamamos atenção para a importância de se conhecer este campo por meio de suas publicações, que apontam variadas direções de pesquisa.

Somente a variedade de temas encontrados é indicativa da riqueza dos estudos da Terapia de Família no Brasil. Destacamos a tendência de se utilizar várias disciplinas para uma compreensão que englobe o indivíduo, a família e o contexto sócio-histórico, enfatizando a relação entre eles.

Podemos sintetizar o que são e o que fazem os terapeutas de família caracterizando-os pelas diversas escolhas que fazem, tornando este ofício marcado pela necessidade de inclusão das diferenças. O desenvolvimento de uma proposta sistematizada de articulação⁶ pode nos auxiliar, evitando as separações artificiais, consolidando uma visão interdisciplinar. A análise aqui realizada remete à importância desta sistematização principalmente ao destacarmos a presença de múltiplos temas e referências teóricas no campo de estudos da Terapia de Família no Brasil.

Referências

- Abdo, C. H. N., & Oliveira, S. R. C. (1994). Psicanálise, Teoria Sistêmica e o princípio da homeostase. *Revista ABP-APAL*, 16(3), 99-104.
- Amaral, C. M. M. (1997). O sentido do trabalho na vida de mulheres de três gerações: Um estudo de caso em Psicologia Social. *Interações*, 2(4), 89-96.
- Antoni, C. de, & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381.
- Associação Brasileira de Terapia Familiar. (1994). *I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar; Cadernos de Resumo*. São Paulo, SP: Autor. 21sp.
- Associação Brasileira de Terapia Familiar. (1996). *II Congresso Brasileiro de Terapia Familiar. Cadernos de Resumo*. Gramado, RS: Autor. 172p.
- Associação Brasileira de Terapia Familiar. (1998). *III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar; I Encontro Latino Americano. Cadernos de Resumo*. Rio de Janeiro, RJ: Autor. 156p.
- Associação Brasileira de Terapia Familiar. (2002). *V Congresso Brasileiro de Terapia Familiar; III Encontro Latino Americano. Cadernos de Resumo*. Salvador, BA: Autor. 197p.
- Castro, E. K. de, & Piccinini, C. A. (2002). Implicações da doença orgânica crônica na infância para as relações familiares: Algumas questões teóricas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 625-635.
- Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: Paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Revista Estudos Feministas*, 10(2), 339-356.
- Cunha, M. V. da. (1997). A desqualificação da família para educar. *Cadernos de Pesquisa*, 102, 46-64.
- Dias, C. M. de S. B., & Ferro-Bucher, J. S. N. (1996). Modalidades de supervisão em terapia familiar e a realidade brasileira. *Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicosociais*, 6(4), 41-58.
- Féres-Carneiro, T. (1994). Diferentes abordagens em terapia de casal: Uma articulação possível? *Temas em Psicologia*, 2, 53-63.
- Féres-Carneiro, T. (1996). Terapia Familiar: Da divergência às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 16, 38-42.
- Ferreira, M. de C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44.
- Ferro-Bucher, J. S. N. (1989). Dos estudos da família à Terapia Familiar no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 4(1/2), 43-58.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. de O. (2001). Estratégias de Enfrentamento do Cotidiano Conjugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 635-642.
- Lopes, V. L. S. (1985). A família e o processo de interiorização: Três exemplos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 37(3), 105-111.
- Macedo, R. M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: Lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, 91, 62-68.
- Paula, R. F., & Scott, P. R. (1985). Terapia Familiar: Duplo vínculo e o contexto sociocultural do Recife. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 34(5), 327-336.
- Pena, M. V. J. (1981). A revolução de 30, a família e o trabalho feminino. *Cadernos de Pesquisa*, 37, 78-83.

⁶Preferimos utilizar o termo articulação. O termo integração é o mais utilizado na literatura internacional. Neste momento, porém, não será possível explicitar nossa diferenciação. Para maiores esclarecimentos, o leitor pode consultar Féres-Carneiro (1994) e Ponciano (2004).

- Polity, E. (1999). Uma leitura Winnicottiana na Terapia Familiar. *Temas sobre Desenvolvimento*, 8(44), 25-31.
- Ponciano, E. L. T. (1999). *História da Terapia de Família: De Palo Alto ao Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- Ponciano, E. L. T. (2004). *Habitando espaços em movimento: Indivíduo, família e contexto sócio-histórico*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- Possati, I. C., & Dias, M. R. (2002). Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 293-301.
- Rosa, M. D. (2002). Adolescência: Da cena familiar à cena soci-al. *Psicologia USP*, 13(2), 227-241.
- Schenker, M., & Minayo, M. C. de S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: Uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 299-306.
- Setton, M. da G. J. (2002). Família, escola e mídia: Um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, 28(1), 107-116.
- Terzis, A. I. (1985). Revisão bibliográfica: Psicologia do grupo familiar e sua relação no processo esquizofrênico. *Estudos de Psicologia*, 1, 73-85.
- Trad, L. A. B., & Bastos, A. C. de S. (1998). O impacto sócio-cultural do Programa de Saúde da Família (PSF): Uma proposta de avaliação. *Cadernos de Saúde Pública*, 14(2), 429-435.
- Wagner, A.; Ribeiro, L. de S., Arteche, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.